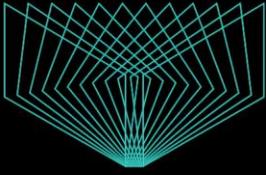


“Compreender as incertezas políticas e dos mercados na era da transição energética”

Fundação Francisco Manuel dos Santos e Brookings

Institution lançam segundo *policy paper* sobre os desafios da transição energética numa era de incertezas políticas e dos mercados

- O estudo «A transição energética da Europa: equilibrar o trilema», realizado em parceria com a Brookings Institution, um dos principais *think tanks* do mundo, centra-se na transição energética na Europa em tempos de crise e conflitos, e no desafio de garantir a segurança energética europeia.
- O *policy paper* agora apresentado, disponível [no site da FFMS](#), faz parte de uma série de seis artigos que compõem o estudo completo, a serem publicados até ao final de 2025, sendo que o primeiro, já publicado, investiga a dependência e o afastamento da Europa em relação ao gás russo.
- A Brookings Institution, um dos mais conceituados think tanks norte-americanos, foi fundada em 1916 e tem sede em Washington, D.C. Possui um histórico notável na área de políticas públicas, tendo desempenhado um papel crucial no desenvolvimento de iniciativas como o Plano Marshall.
- Realizou-se ontem, na Universidade de Harvard, nos EUA, a primeira conferência deste estudo, que contou com as participações de Constanze Stelzenmüller, diretora do Centro de Estudos Americanos e Europeus da Brookings Institution; Samantha Gross, autora do presente *policy paper*; Meghan L. O’Sullivan, diretora do Belfer Center e Gonçalo Saraiva Matias, presidente



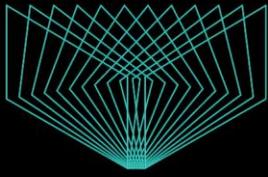
da Fundação Francisco Manuel dos Santos. O apagão sentido na Península Ibérica foi um dos tópicos abordados numa discussão sobre os desafios da segurança energética da Europa.

- Para Gonçalo Saraiva Matias, “o debate sobre o futuro da energia exige hoje, mais do que nunca, atenção prioritária. Como ficou evidente nesta última segunda-feira, 28 de abril, a energia é fundamental para a vida moderna. Mesmo os países mais comprometidos com a transição energética ajustarão as suas políticas se o acesso à energia estiver em risco.”

COMPREENDER AS INCERTEZAS POLÍTICAS E DOS MERCADOS NA ERA DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

«O futuro da oferta e da procura de energia — tal como a natureza da geopolítica e dos mercados de energia — é altamente incerto. O facto de a sociedade precisar de manter o acesso contínuo a energia segura e a preços comportáveis ao longo do processo de transição é mais um fator de complexidade — e de urgência.»

O *policy paper*, da autoria de Samantha Gross, especialista em política externa, energia e política climática, diretora da Iniciativa para a Segurança Energética e Clima da Brookings Institution, e de Mark Finley, investigador em Energia e Petróleo no Baker Institute da Universidade de Rice, começa por explicar que o futuro da energia é incerto, tanto a sua oferta e procura, como por questões de geopolítica e de instabilidade dos mercados. As principais economias mundiais ainda não sabem como alcançar os objetivos climáticos definidos no Acordo de Paris e os autores sublinham que o mundo não está, de facto, a percorrer o caminho rumo às emissões líquidas nulas. O acesso à energia implica a ideia de segurança e de acessibilidade económica, ou seja, que haja oferta suficiente a preços



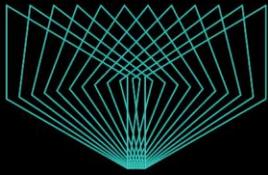
comportáveis. Em contextos de tensão, a segurança energética será sempre o fator mais importante.

Os autores alertam para a estreita relação entre o abastecimento e as formas de produção de energia, com a geopolítica. Apresentam como exemplos o caso da invasão da Ucrânia pela Rússia que fez voltar as atenções do mundo para a segurança energética; a proibição de exportação da China de três minérios essenciais aos EUA; a queda de Bashar al-Assad na Síria e a guerra em Gaza; e a eleição do presidente Donald Trump, que levanta várias questões sobre o modo como os EUA irão interagir com o resto do mundo.

Para além da incerteza sobre o rumo que o sistema energético mundial vai seguir, surgem novas perguntas importantes. A transição para energias limpas traz riscos e vulnerabilidades próprios, mas também pode reduzir dependências geopolíticas que durante décadas causaram tensão, como a ameaça de falhas no fornecimento de petróleo. Durante anos, organizações como a Agência Internacional de Energia (AIE) criaram reservas estratégicas e planos de resposta a crises. Mas, para a nova economia energética — baseada em tecnologias limpas —, ainda não existe uma rede de segurança semelhante.

Se houver escassez de minerais ou equipamentos essenciais (como painéis solares), o impacto pode não ser imediato como no caso do petróleo, mas pode travar o ritmo da transição energética e desincentivar investimentos. Acautelar essas falhas será crucial para garantir que a transição decorra de forma segura, acessível e sustentável.

Além disso, o grau de globalização do sistema energético vai ser essencial para ditar o ritmo da transição energética e das suas consequências geopolíticas e dependerá de decisões

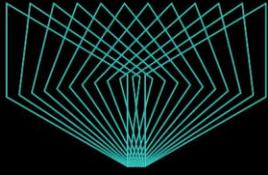


estratégicas dos principais blocos económicos: se EUA e Europa apostarem mais em produzir localmente e em relações com países aliados, isso pode aumentar os custos e abrandar a mudança. Já a China, líder na produção de painéis solares e minerais críticos, tem poder para influenciar este processo a seu favor — o que, alertam os autores, levanta preocupações sobre dependência e segurança económica.

O relatório conclui ainda que, mesmo nos países ricos, o acesso à energia sobrepõe-se às preocupações de sustentabilidade. No «trilema» da transição energética — otimizar a segurança do aprovisionamento, o preço e a sustentabilidade ambiental —, em tempos difíceis, a sustentabilidade passa muitas vezes para segundo plano.

A acessibilidade dos preços da energia (conceito subjetivo) será sempre um indicador do bem-estar económico. As grandes variações nos preços da energia não só afetam negativamente os consumidores e as empresas como também diminuem a confiança nos governantes eleitos e as respetivas taxas de aprovação. Nenhum governo que queira combater as alterações climáticas conseguirá manter-se tempo suficiente no poder caso a população considere que não esteja a garantir, no imediato, o fornecimento seguro de energia a preços acessíveis. Idealmente, uma abordagem consensual que incorpore todo o espectro político resultaria num ambiente de políticas estáveis, capaz de promover o investimento em energias mais limpas.

Por último, os autores concluem que mesmo numa transição energética rápida, continua a ser preciso investir em petróleo e gás. Mesmo nos cenários mais ambiciosos, a diminuição natural da taxa de produção nos poços de petróleo e de gás natural atualmente existentes a nível mundial é mais rápida do que a taxa de diminuição das necessidades no futuro. O petróleo e o gás natural representam atualmente 55% do fornecimento mundial de energia, o que torna



especialmente importante a continuidade do investimento nesta área, tendo em conta que, em qualquer dos cenários possíveis, as possibilidades de sucesso dependem da manutenção do acesso à energia a preços acessíveis. Estes factos levam a concluir que os alicerces sólidos da transição energética devem consistir sobretudo numa gestão coordenada da oferta e da procura, e não tanto na limitação da oferta de combustíveis fósseis.

Para esclarecimentos adicionais:

Manuel Louro | 918 881 124 | manuel.louro@jlma.pt

Maria João Soares | 914 237 487 | mjsoares@jlma.pt